

A GUERRA NO DESERTO - GRÃ-BRETANHA Por Reinaldo V. Theodoro

A situação da Grã-Bretanha ao começar o combate no deserto africano era de evidente inferioridade diante de seu inimigo imediato, a Itália. As forças britânicas estavam espalhadas desde a metrópole, onde havia a ameaça de uma invasão alemã, até o Extremo Oriente. O que pôde ser reunido para a defesa do Egito recebeu a designação de "Força do Deserto Ocidental". Essa modesta formação não pôde impedir as tropas italianas de entrarem no Egito, mas logo uma contra-ofensiva foi organizada, a "Operação Compass" (09/12/40), expulsando as forças italianas e depois cercando-as e destruindo-as em Beda Fomm (06/02/41). Este foi o batismo de fogo da 7ª Divisão Blindada, que ficaria famosa com o apelido de "Ratos do Deserto".

Em fevereiro de 1941, contudo, a balança do poder na África do Norte pendeu para o lado do Eixo com a chegada do *Afrika Korps*. A 31/03/41, os alemães atacaram e em pouco tempo a recém-chegada 2ª Divisão Blindada foi aniquilada (nunca foi reconstituída), os britânicos foram expulsos da Líbia e o estratégico porto de Tobruk passou por um cerco que se tornou histórico. Três tentativas de libertar o porto foram feitas, a "Operação Brevity" (15/05/41), a "Battleaxe" (15/06/41) e a "Crusader" (18/11/41). A terceira eventualmente foi bem-sucedida, sendo as forças do Eixo expulsas para as posições iniciais. A "Força do Deserto Ocidental" havia sido então rebatizada como "8º Exército". Após receber reforços, a 21/01/42 o *Afrika Korps* voltou à carga, expulsando os britânicos até uma linha logo a Oeste de Tobruk, que se estendia de Gazala, na costa, até Bir Hacheim, no interior do deserto. A 26/05/42, os alemães retomaram a ofensiva, numa das mais furiosas batalhas de blindados até então. Agora a veterana 7ª Blindada tinha a companhia da recém-chegada 1ª, reconstituída após a sua destruição na França, em 1940. Apesar da superioridade britânica e das dificuldades logísticas alemãs, a batalha terminou com uma tremenda vitória do Eixo, a virtual destruição das forças blindadas britânicas e a captura de Tobruk.

O que se seguiu foi uma retirada aliada para o Egito, onde os restos do 8º Exército se estabeleceram precariamente numa linha de elevações que começava numa estação ferroviária junto à costa, chamada El Alamein. Durante mais de quatro meses, os exércitos inimigos travaram desesperados combates nessa linha, destacando-se a 1ª Batalha de El Alamein (01/07/42), a Batalha de Alam Halfa (30/08/42) e a 2ª Batalha de El Alamein (23/10/42). Nessa ocasião apareceu no

cenário a nova 10ª Divisão Blindada. Ao término da Batalha de El Alamein, o exército do Eixo estava destruído e realizando uma penosa retirada, agora para a Tunísia, após os desembarques anglo-americanos nas costas do Marrocos e da Argélia (08/11/42). Na Tunísia, as forças do Eixo foram muito reforçadas, fazendo com que fosse necessário travar uma campanha de seis meses antes da sua rendição final. Durante os desembarques na Argélia, um novo Exército britânico (o 1º) entrou em combate, trazendo com ele a 6ª Divisão Blindada. Na campanha da Tunísia, de características um tanto diferentes das do deserto devido ao terreno montanhoso, os britânicos lutaram pela primeira vez lado-a-lado com as forças norte-americanas, então estreantes.

Blindados: O RAC (Royal Armoured Corps) preconizava três tipos de tanques: "Leves" (para policiamento do Império, escolta e reconhecimento, equipando os regimentos de cavalaria nas divisões blindadas e de infantaria); "Cruzadores" (para o combate aos tanques inimigos, perseguição e exploração, equipando as divisões blindadas) e "de Infantaria" (para apoio à infantaria, sendo lentos e fortemente blindados, equipando as brigadas de tanques do Exército). As unidades blindadas britânicas eram organizadas em pelotões, esquadrões, regimentos e brigadas. O termo "regimento" aqui leva a alguns equívocos, pois as unidades de fato têm efetivos de batalhão. Mas isso se deve à política de recrutamento britânica, onde o Regimento é de fato uma unidade de alistamento, no qual são formados batalhões e estes, ao se agruparem com batalhões de outros regimentos, formam brigadas. No caso das unidades blindadas, os tanques cruzadores e de infantaria são quase sempre oriundos do RTR (Royal Tank Regiment), ou seja, o 7º RTR é, de fato, o 7º batalhão formado pelo RTR. No caso das unidades de tanques leves e carros blindados, eles recebem os nomes de regimentos de cavalaria, como os Hussardos e os Dragões (o 11º de Hussardos, por exemplo, teve ativa participação na Guerra do Deserto).

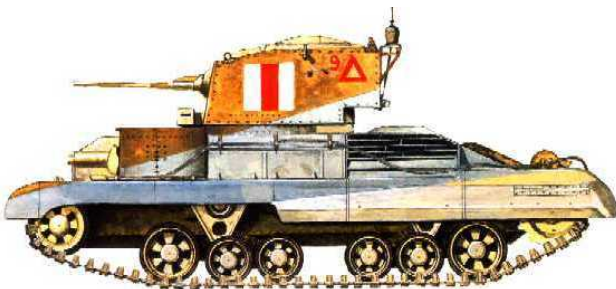
Tanque Leve Mk.VI - Os tanques leves britânicos usados no deserto descendiam das experiências com tanquetes no final dos anos 20 e limitavam-se a veículos levemente blindados e armados, de baixo custo de produção. Os tanques leves Mark. II, III e VI foram usados no início da campanha no deserto, sendo velozes, mas mal blindados. Além

de suas funções normais, atuaram também em emboscadas contra as linhas de suprimentos italianas. Foram usados até fins de 1941.



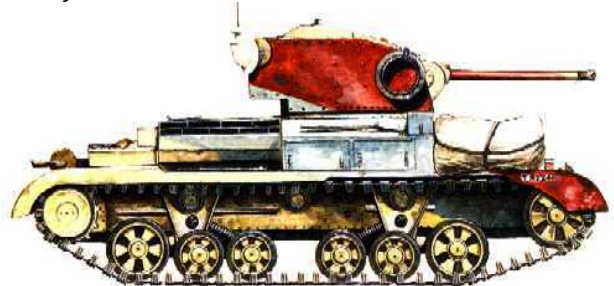
Tanque Leve Mk.VIB, Esquadrão "C", 1º RTR, 7ª Divisão Blindada, maio de 1940.

A9 - Também chamado "Tanque Cruzador Modelo I", o A9 foi o primeiro dos "tanques cruzadores" britânicos, destinados às novas divisões blindadas. A ênfase de seu projeto estava no armamento (um canhão de 40 mm e três metralhadoras) e na velocidade (40 Km/h), em detrimento da blindagem (apenas 14 mm). Como a maioria dos tanques britânicos, não tinha muita segurança mecânica, sendo alta a sua média de enguiços. Começou a ser produzido em 1937 e esteve em ação na França e na África do Norte nos dois primeiros anos da guerra. Embora não fosse superior aos tanques médios italianos, teve papel preponderante na vitória britânica de Beda Fomm. Com a chegada dos alemães, porém, sua obsolescência tornou-se patente e ele foi usado somente até a "Operação Crusader".



A9 originalmente pertencente ao Esquadrão "A" do 5º RTR, 3ª Brigada, 2ª Divisão Blindada. Na ocasião aqui ilustrada, porém, ele servia ao comandante da 32ª Brigada de Tanques, em Tobruk. Note o painel branco-vermelho-branco usado como identificação para a "Operação Crusader".

A10 - Originalmente concebido como um tanque de infantaria, o A10 foi reclassificado como "Cruzador Pesado". O "Tanque Cruzador Modelo II" tinha o mesmo chassi do A9, mas com melhor blindagem (30 mm). Tinha o mesmo canhão de 40 mm (duas libras), mas apenas uma metralhadora (a versão CS - Close Support - tinha um obuseiro de 3,7 polegadas no lugar do canhão, para apoio de infantaria). Como o A9, equipou a 1ª Divisão Blindada na França na campanha de 1940 e teve importante participação na vitória britânica de Beda Fomm. Também foi retirado de serviço em fins de 1941.



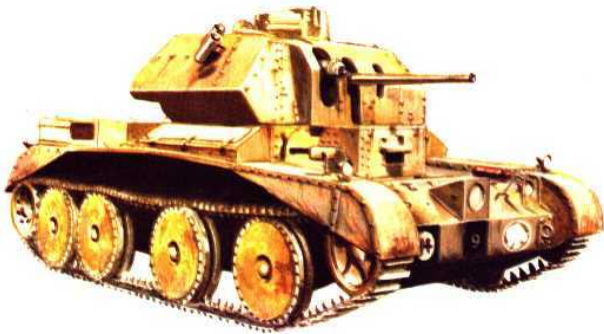
A10 do 2º RTR, 7ª Brigada, 7ª Divisão Blindada. O modelo ilustrado não apresenta marcações de esquadrão, o que pressupõe que seja um tanque vindo dos depósitos de reabastecimento.

A13 - O "Tanque Cruzador Modelo III" teve seu desenvolvimento inspirado no tanque soviético BT, com suspensão Christie. Lançado em 1939, o A13 tinha o mesmo armamento do A10, mas tinha uma velocidade de 48 Km/h (embora mantivesse a escassa blindagem de 14 mm). Teve uma carreira de combate praticamente idêntica aos A9 e A10. Os remanescentes foram retirados de serviço após a "Operação Crusader" e enviados para a defesa de Chipre.



A13 como utilizado pelo 3º RTR, 1ª Divisão Blindada, na campanha da França, em 1940. Embora a camuflagem seja completamente diferente da usada na África do Norte, as outras marcações são idênticas, com exceção da sinalização para pontes (o círculo amarelo com o número "14", na frente do tanque), indicando a classe de pontes que este veículo pode atravessar em função do seu peso (14 toneladas). Obviamente, essa marcação tinha pouca utilidade no deserto.

A13 Mk.II - O A13 teve uma versão posterior, o A13 Mark II (Tanque Cruzador Modelo IV) dotado de uma nova torre. Tinha o mesmo armamento e velocidade de seu predecessor, mas incorporou a blindagem do A10 (30 mm). Era o melhor tanque cruzador britânico ao eclodir a 2ª Guerra Mundial. Participou das campanhas da França e da África do Norte e só foi retirado de serviço em 1942.



A13II do 3º RTR, 3ª Brigada Blindada, quando essa brigada ainda fazia parte da 1ª Divisão Blindada, com pintura de camuflagem do deserto.

A15 Crusader - O Tanque Cruzador Modelo VI foi o último tanque desenvolvido sem experiência de combate e o primeiro a receber um "nome" (Crusader = Cruzado). Estreou equipando o 6º RTR em junho de 1941, durante a "Operação Battleaxe". Contudo, os primeiros modelos (I e II) resultaram em fracassos, devido a problemas mecânicos constantes e ao fraco armamento (ainda usavam o canhão de 2 libras). O modelo III, porém, tornou-se a viga-mestra das divisões blindadas britânicas até a chegada dos tanques médios de fabricação norte-americana. Ele era armado com um canhão de 6 libras (57 mm) e duas metralhadoras. Continuou em serviço até o final da campanha norte-africana. Apesar de muito semelhante ao A13II, é fácil distingui-los: o A13II tem quatro rodas no seu trem de rodagem e o A15 tem cinco.



O A15 Crusader III, armado com canhão de 57 mm, começou a equipar as unidades blindadas britânicas no deserto em meados de 1942. O modelo aqui ilustrado não apresenta marcas de identificação.

Matilda II - O Tanque de Infantaria Modelo II Matilda II (A12) foi o segundo modelo de "tanque de infantaria" (o primeiro, o A11 Matilda I, não esteve no deserto), sendo lançado em 1939. Era o mais poderoso tanque britânico do início da 2ª Guerra Mundial, graças à sua blindagem de 78 mm, invulnerável aos canhões anti-tanques da época. Contudo, seu armamento era o mesmo dos tanques cruzadores (um canhão de 40 mm, o qual não disparava alto-explosivo) e sua velocidade era de apenas 24 Km/h. O primeiro batalhão de Matildas a chegar foi o 7º RTR, no final de 1940, tendo participação crucial na destruição do exército italiano em dezembro. Até a chegada dos alemães, o Matilda era considerado "A Rainha do Campo de Batalha". Ele esteve presente desde o início da Guerra do Deserto, sendo retirado de 1ª linha somente após a 1ª Batalha de El Alamein (embora ainda fosse usado na versão "Scorpion", caça-minas).



O "Phantom", um Matilda II usado pelo comandante do 42º RTR, da 1ª Brigada de Tanques, durante a "Operação Crusader". Este tanque apresenta um esquema de pintura típico e os painéis de identificação (branco-vermelho-branco). Contudo, não usa marcações de esquadrão.

Valentine - O Tanque de Infantaria Modelo III Valentine foi uma evolução dos A9 e A10 visando um tanque de infantaria. As suas primeiras versões eram armadas com um canhão de 40 mm e uma metralhadora, mas a versão com canhão de 57 mm chegou a tempo de atuar na Tunísia. Sua produção iniciou-se em maio de 1940 e estreou no 8º RTR na "Operação Crusader". Continuou em ação na primeira linha até 1943, quando foi substituído pelo Churchill.



Valentine II do 10º Pelotão ("Troop"), Esquadrão "C", 40º RTR, 23ª Brigada, 8ª Divisão Blindada. O modelo aqui ilustrado nos oferece muitas informações interessantes: os tanques da 8ª Blindada chegaram ao Egito pintados de "Verde Bronze", mas foram rapidamente pintados de "Desert Sand", embora possamos ver a cor original dentro do círculo vermelho na torre e no círculo amarelo na frente (símbolo da 8ª Blindada). Mostra também a identificação de regimento na frente (o "40", que por mera coincidência é o número do regimento também). O número do pelotão (10) aparece dentro do círculo vermelho. Esse tanque foi destruído no malfadado ataque da brigada a 22/07/42.

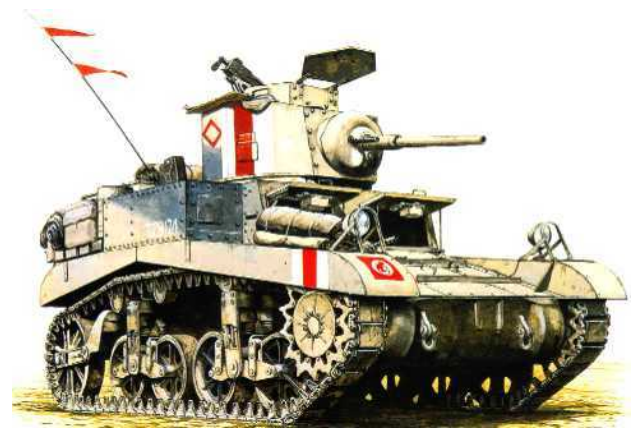
Churchill - O Tanque de Infantaria Modelo IV Churchill (A22) entrou em serviço em junho de 1941. Apesar disso, só fez sua estréia na África durante a Batalha de El Alamein, quando a 1ª Divisão Blindada utilizou 6 deles experimentalmente. Contudo, participou com destaque da campanha na Tunísia, onde a sua capacidade de subir aclives íngremes surpreendeu os alemães.



Churchill III do 142º RTR, durante as batalhas finais da campanha da Tunísia, 06/03/43. O esquema de pintura aqui mostrado não foi mantido nas campanhas posteriores, sendo usado apenas na Tunísia.

Stuart - Primeiro tanque de fabricação norte-americana usado pelos britânicos, o Tanque Leve M3 foi muito apreciado graças à sua segurança mecânica (um eterno problema para os tanques ingleses). Seus novos usuários decidiram dar-lhe o nome de "General Stuart", iniciando assim a tradição de batizar os tanques americanos com nomes de generais da Guerra Civil americana (nomes esses que nunca foram oficialmente ado-

tados pelo US Army). Além disso, o Stuart ganhou também o apelido "Honey" ("Querido"). Em julho de 1941, 84 unidades dele chegaram ao Egito e reequiparam a 4ª Brigada Blindada, estreando na "Operação Crusader". Algumas modificações foram feitas antes dele entrar em ação: as metralhadoras laterais foram removidas (propiciando mais espaço interno), pára-lamas para areia, caixas de estocagem e tanques de combustível externos foram adicionados, além de modificações na torre. Ele equipou outras brigadas, mas em 1942 ele tornou-se obsoleto. Aos poucos, os sobreviventes foram transferidos para esquadrões ligeiros regimentais e tropas de reconhecimento.



Stuart I do Brigadeiro Gatehouse (que depois comandaria a 10ª Divisão Blindada em El Alamein), comandante da 4ª Brigada, 7ª Divisão Blindada, durante a "Operação Crusader". Note o símbolo da 7ª Divisão no pára-lamas (o "Rato do Deserto", também chamado de "Jerboa"), os painéis de identificação de nacionalidade e o losango na torre, indicando Esquadrão de Q.G.

Grant - O Tanque Médio M3 americano foi adotado pelo exército britânico com uma série de modificações, a mais evidente delas sendo a torre totalmente nova. Foi batizado "General Grant" (enquanto o modelo original americano foi chamado "General Lee"). Ao contrário do que muitos pensam, o "Grant" não foi modificado no Egito, mas fabricado nos EUA segundo especificações inglesas. Ele chegou em meados de 1942 e estreou na Batalha de Bir Hacheim, onde seu canhão de 75 mm foi uma terrível surpresa para os alemães. Nessa batalha, 167 unidades dele equipavam as 1ª e 7ª Divisões Blindadas. Foi o principal tanque do 8º Exército até a chegada do "Sherman". Contudo, poucos sobreviventes chegaram à Tunísia. Os britânicos também receberam alguns "Lees".



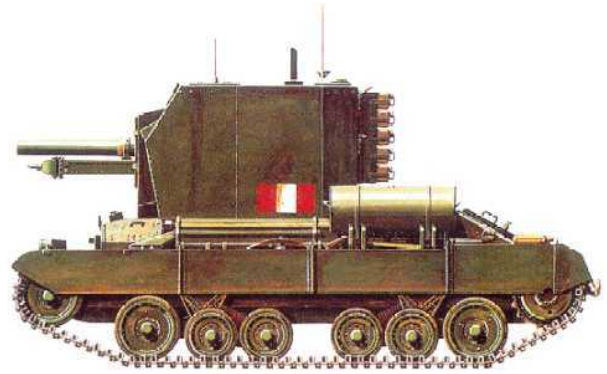
Grant do Esquadrão de QG do Regimento Nottinghamshire Yeomanry (uma unidade formada em um regimento de milícia e não no RTR), parte da 8ª Brigada, 10ª Divisão Blindada, durante a 2ª Batalha de El Alamein. Embora não seja bem visível na ilustração, ele usa uma versão em vermelho do símbolo divisional no pára-lamas direito. Ele não usa nenhuma camuflagem além da pintura "Desert Sand".

Sherman - O 8º Exército utilizou o M4, o M4A1 e o M4A2 (batizados pelos ingleses Sherman I, II e III, respectivamente). A grande maioria, porém, era de M4A1. O "General Sherman" chegou em agosto de 1942 e equipou de imediato as unidades que participariam do assalto principal em El Alamein (1ª e 10ª Divisões Blindadas), enquanto as 6ª e 7ª Divisões Blindadas só receberam Shermans em 1943. O "Sherman" eventualmente tornou-se o mais importante tanque utilizado pelos britânicos na 2ª Guerra Mundial.



Sherman II do Esquadrão "B", Regimento Staffordshire Yeomanry, outra unidade da 8ª Brigada, 10ª Divisão Blindada, durante a 2ª Batalha de El Alamein. Este regimento teve a peculiaridade de ser equipado com Crusaders (Esquadrão "A") e Grants (Esquadrão "C"). O Regimento Staffordshire Yeomanry sofreu pesadas baixas em El Alamein e teve que ser reconstituído com tanques retirados da 24ª Brigada. Note a ausência de símbolos divisionais e de regimento nos pára-lamas.

Bishop - Em julho de 1942, os artilheiros aliados no deserto receberam 80 unidades do primeiro canhão autopropulsado britânico, o "Bishop" (Bispo). Nascido da união de um chassi de tanque Valentine com um canhão de campanha de 25 libras acomodado numa apertada casamata, o Bishop não fez sucesso entre os artilheiros, mas cumpriu uma função vital de artilharia de acompanhamento para as divisões blindadas. Foi usado até fins de 1943.



Bishop, unidade não-identificada, como usado na Tunísia.

Priest - O Canhão Autopropulsado M7 norte-americano foi enviado às pressas para o Egito após a queda de Tobruk e 100 deles chegaram a tempo para a batalha de El Alamein. Como o posto de metralhadora do veículo ficava saliente como um púlpito, os britânicos logo apelidaram-no de "Priest" (Padre), dando início à prática de dar nomes eclesiásticos aos canhões de campanha autopropulsados. Foi usado até o fim da guerra.



Priest do Esquadrão "A", 11º Regimento Real de Artilharia da Cavalaria (Royal Horse Artillery = RHA), 1ª Divisão Blindada, verão de 1942. Observe os símbolos de unidade, com o rinoceronte da 1ª Divisão no pára-lamas direito e, no esquerdo, o quadrado (em azul e vermelho, usado por unidades de artilharia) com o número 77, indicativo do Regimento.

Carro Blindado Marmon-Herrington - Em 1939, a África do Sul aceitou um modelo de carro blindado apresentado pela firma Marmon-Herrington. Lançado em 1940, o Mk.I foi logo seguido pelo Mk.II, que foi também adotado pelos britânicos, que fizeram imediato uso dele no deserto norte-africano, substituindo os velhos carros Rolls-Royce 1924. Em maio de 1941, entrou em serviço o Mk.III e, em fins do mesmo ano, o Mk.IV, que também participaram da Guerra do Deserto. Equipou as unidades de cavalaria do Exército Britânico durante os dois primeiros anos da guerra, até serem substituídos por modelos mais modernos. Na África do Sul, foi usado até 1946.



Marmon-Herrington Mk.I, apresentando um esquema de camuflagem típico dos primeiros anos da guerra no deserto.

Carro Blindado Daimler - Lançado em abril de 1941, o Daimler foi um dos melhores carros blindados britânicos, sendo muito apreciado pelas unidades de cavalaria mecanizada. Usava a torre do tanque leve Tetrarch, armada com um canhão de 2 libras. Em ação no deserto até o fim da campanha, continuou em serviço no Exército Britânico até os anos 60.



Carro blindado Daimler pertencente à 7ª Divisão Blindada.

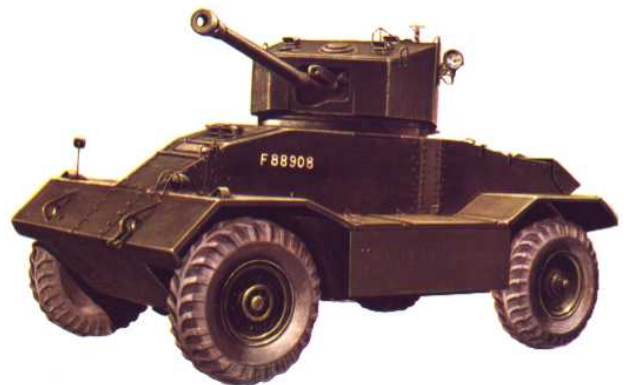
Carro Blindado Humber - Baseado em modelos civis, o Humber foi um dos melhores carros blindados britânicos da 2ª Guerra Mundial. Lançado em 1941, ele era mais espaçoso que seus predecessores, o que favorecia o seu uso como carro-

comando. Foi usado até o fim da guerra e, em alguns países, ainda era usado nos anos 70.



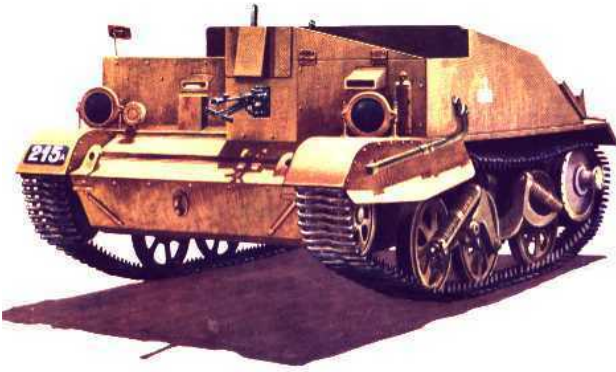
Humber Car ilustrado numa interessante composição para um diorama.

Carro Blindado AEC - A AEC era uma fábrica de caminhões e ônibus e em 1941 produziu um carro blindado. O Mark I usava uma torre de Valentine (a versão Ia usava a torre do Valentine com canhão de 6 libras). Lançado em 1942, o AEC participou das batalhas finais da campanha norte-africana.



Carro Blindado AEC Mk.III, armado com canhão de 75 mm. O modelo aqui ilustrado serviu no Noroeste Europeu, em 1944.

Universal Carrier - Também conhecido como "Bren Carrier", este veículo foi um dos mais conhecidos da 2ª Guerra Mundial, tendo conferido mobilidade à infantaria britânica em todas as frentes, do primeiro ao último tiro daquele conflito. Lançado em 1934 como transporte blindado de infantaria, ele eventualmente foi empregado em uma série de funções, inclusive lança-chamas autopropulsado. Teve mais de 84.000 unidades produzidas, inclusive na Austrália, Nova Zelândia, EUA e Canadá.



O famoso "Bren Carrier", elemento sempre presente junto à infantaria britânica e da Commonwealth, atuando inclusive como apoio de fogo.

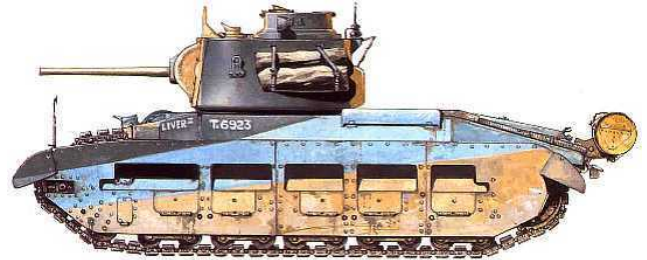
Pintura: De todos os participantes da campanha norte-africana, os britânicos foram os que implementaram a mais variada gama de veículos, unidades, organizações, pinturas e marcações. Seria necessário um livro só para relatar todas as características das forças blindadas britânicas durante esses três anos. Como isto está além do objetivo dessa matéria, procuraremos dar uma idéia a partir das principais unidades empenhadas.

De início podemos observar que algumas características são universais, independente do veículo ou do período. Os veículos britânicos ostentavam nos pára-lamas um painel quadrado colorido com números brancos, que identificavam a unidade (embora esses números não tivessem nada a ver com o número do regimento) e o número de série pintado nas laterais (normalmente precedido de um "T"). Como exemplo, as duas brigadas blindadas da 7ª Divisão, em novembro de 1941, usavam os seguintes números: na 4ª Brigada, "50" identificava os veículos do Q.G. da brigada, "51" designava o 4º RTR, "52", o 5º RTR e "53", o 7º RTR; na 7ª Brigada, "60" era o Q.G., "61", o 2º RTR, "62", o 6º RTR e "63", o 8º RTR. Houve uma considerável variação nesses números, conforme a composição das divisões e brigadas era sendo alterada e novas unidades eram criadas. Cada arma dentro da divisão tinha uma ou duas cores para o painel quadrado: nas unidades blindadas, esse painel era vermelho, nas de infantaria era verde, nas do QG divisional era preto, nas de artilharia era azul e vermelho, nas de reconhecimento (cavalaria mecanizada) era azul e verde, etc.

Os blindados britânicos usavam também figuras geométricas como forma de identificação. Um losango indicava o esquadrão de Q.G., um triângulo, o Esquadrão "A", um quadrado, o "B" e um círculo, o "C" (o 7º RTR denominava o seu terceiro esquadrão de "D" e não de "C"). Um número pintado dentro da figura indicava o pelotão (embora muitas vezes esse número fosse omitido ou

ficasse fora da figura). A cor da figura normalmente indicava o regimento dentro da brigada (o primeiro regimento era Vermelho, o segundo, Amarelo, o terceiro, Azul e o quarto, se houvesse, Verde) ou, na mesma ordem, o esquadrão (e se o número fosse branco, indicava o esquadrão líder). Um dos preparativos para a "Operação Crusader" foi a aplicação de um painel branco com uma faixa vertical vermelha no centro, como identificação de nacionalidade, nas laterais do casco e da torre. Após a batalha, muitos tripulantes trataram de se livrar dessas marcações, pois eram um bom ponto de mira para os artilheiros inimigos.

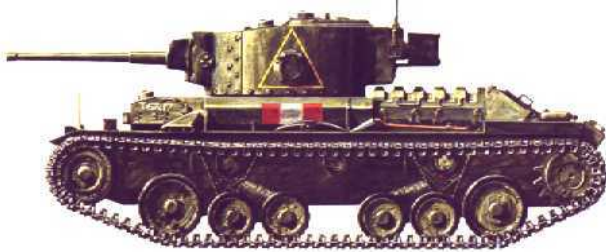
Algumas unidades adotavam nomes para suas máquinas. O 4º RTR usava nomes começando com a letra "D" (por ser a 4ª letra do alfabeto). Pelo mesmo motivo, o 6º RTR usava nomes começando com "F", o 7º com "G", o 8º com "H", o 42º, com "P" e o 44º, com "R" (começando a contar o alfabeto novamente após o "Z"). Nomes conhecidos são: "Durban", "Drake", "Ferocious", "Grampus", "Gulliver", "Horace" e "Phantom". O Regimento "Queen's Bays" (2ª Brigada Blindada, 1ª Divisão) dava nomes de cavalos de corrida para suas máquinas. Outras unidades batizavam seus veículos com nomes começando com a letra do esquadrão ("Ali Baba", "Badger", "Culloden" e "Cynic" são alguns exemplos).



"Gulliver II", um Matilda do 7º RTR na Líbia em 1941. Note o elaborado padrão de pintura usado pelas unidades de Matilda nos primeiros anos da Guerra do Deserto.

A 1ª Divisão Blindada usava um rinoceronte branco sobre uma elipse preta como símbolo divisional, o qual era pintado normalmente no pára-lamas direito frontal e esquerdo à ré. Seus tanques eram concentrados na 2ª Brigada Blindada. A 2ª Divisão Blindada chegou à África com duas brigadas blindadas (1ª e 3ª, sendo que esta pertencia originalmente à 1ª Divisão Blindada e participou da campanha da França em 1940), mas a 1ª Brigada foi enviada para a Grécia e acabou ficando por lá. O símbolo divisional era um elmo branco sobre um quadrado vermelho. Seus blindados eram pintados de "Desert Sand", com faixas de Marrom Claro e Cinza Prateado, num esquema semelhante ao dos Matildas. Após a destruição da divisão, a 3ª Brigada refugiou-se em Tobruk, sendo reorganizada como 32ª Brigada de Tanques do Exército.

Os tanques da 26ª Brigada Blindada (6ª Divisão) chegaram da Inglaterra diretamente para o combate na Tunísia e eram pintados de "Verde Bronze". Seu símbolo divisional era um punho de armadura fechado, de cor branca sobre um quadrado preto.



Valentine V, pertencente ao Esquadrão "A", 17º/21º de Lanceiros, 6ª Divisão Blindada britânica, Tunísia, 1943. Observe a marcação de nacionalidade nas laterais (ela é repetida na frente e atrás do veículo, no centro). Apesar de tanques de infantaria não serem concebidos para atuar em divisões blindadas, a 6ª foi para a guerra equipada com Valentines e Crusaders.

A 7ª Divisão Blindada, justificando o seu título, adotou como símbolo um rato do deserto em vermelho, sobre um círculo branco em um quadrado vermelho. A sua composição variou muito durante a campanha, chegando a ter, em uma ocasião, três brigadas blindadas (4ª, 7ª e 22ª). As 4ª e 7ª Brigadas usavam variações do "Jerboa" como símbolo de unidade.

A 8ª Divisão Blindada chegou ao Egito com duas brigadas blindadas (23ª e 24ª), mas nunca atuou como uma divisão. Após a virtual destruição da 23ª Brigada a 22/07/42, esta foi reorganizada com quatro batalhões (8º, 40º, 46º e 50º RTR) e tornou-se a unidade de tanques de infantaria do 8º Exército, enquanto a 24ª Brigada era transferida para a 10ª Divisão. O símbolo da 8ª Divisão era um "GO" preto escrito dentro de um círculo amarelo, com a cor original do tanque ao fundo. Apesar dela nunca ter atuado como uma divisão, os tanques de suas brigadas ostentaram durante algum tempo as suas marcas de identificação normalmente. Posteriormente, a 23ª Brigada adotou um quadrado branco com um pássaro em preto como seu símbolo e combateu até o fim da guerra na África.



Valentine do Esquadrão "A", 46º RTR, 23ª Brigada Blindada, ostentando o símbolo da brigada na placa frontal, à direita.

A 10ª Divisão Blindada usava uma cabeça de raposa sobre um quadrado amarelo como seu símbolo. Ela era originalmente formada pelas 8ª e 9ª Brigadas Blindadas, mas, para El Alamein, a 9ª foi retirada e em seu lugar recebeu a 24ª, retirada da 8ª Divisão. Os três batalhões da 8ª Brigada utilizavam os seguintes números de identificação: 40 (3º RTR), 86 (Nottinghamshire Yeomanry) e 67 (Staffordshire Yeomanry). A 24ª Brigada foi a unidade que recebeu a maior quantidade de Shermans (93) e seus batalhões usavam os números 71 (41º RTR), 40 (45º RTR) e 86 (47º RTR). Os seus Shermans também usavam um grande círculo da RAF sobre o compartimento do motor e um grande nome do tanque na traseira, além de conservarem o símbolo da 8ª Divisão Blindada. O 41º RTR usava ainda números exageradamente grandes na torre.

As marcas de identificação dos tanques da 9ª Brigada limitavam-se ao número da unidade e o símbolo da brigada (um cavalo branco). Em El Alamein, como a brigada ficou subordinada a uma unidade de infantaria (2ª Divisão Neozelandesa), o painel quadrado passou a ser verde. Após a batalha de El Alamein, os tanques da 9ª Brigada receberam o emblema da divisão neozelandesa, como uma honraria de batalha.



Sherman II, Esquadrão "B", Regimento Royal Wiltshire Yeomanry, 9ª Brigada Blindada. Observe o círculo da RAF pintado sobre o compartimento do motor como forma de identificação aérea.

A 1ª Brigada de Tanques do Exército lutou na França em 1940, perdendo todos os seus Matildas lá. Ela era originalmente formada pelos 4º, 7º e 8º RTR, mas a urgência em enviar reforços para o Egito fez com que o 7º fosse despachado separadamente, seguido depois pelo 4º (ambos tomaram parte da "Operação Battleaxe"). Quando a brigada foi reorganizada no Egito, em setembro de 1941, a sua composição foi alterada, com o 8º RTR agora equipado com Valentines e os novos 42º e 44º RTR equipados com Matilda. A brigada assim constituída participou da "Operação Crusader". Usava como símbolo dois triângulos vermelhos, unidos em um dos vértices, num formato semelhante ao de uma ampulheta (normalmente era pintado na frente do tanque, junto ao visor do motorista). Os regimentos dessa brigada não utilizavam qualquer marca de identificação (nem numeração nem figuras geométricas).

A 32ª Brigada teve uma carreira muito curta, sendo organizada durante o cerco de Tobruk com elementos dos 1º, 4º e 7º RTR e foi dissolvida pouco depois de sua libertação, não tendo insígnias próprias. Contudo, para a "Operação Crusader", seus tanques receberam grandes números brancos nas laterais como identificação táctica.

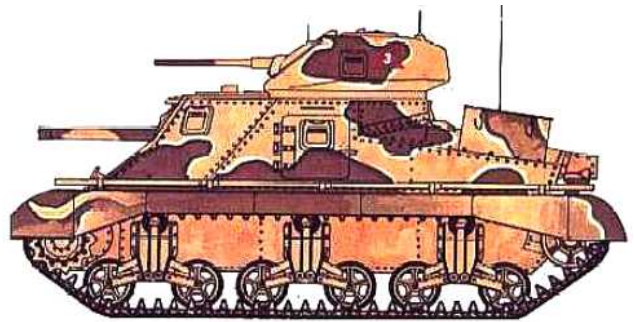
As unidades equipadas com o Matilda usaram um dos mais interessantes esquemas de pintura da Guerra do Deserto. Baseava-se nos padrões de camuflagem de navios na 1ª Guerra Mundial, visando falsear a silhueta do tanque e assim confundir os artilheiros inimigos. Empregava dois tons de Cinza, Verde, Marrom ou Azul Claro (possivelmente obtidos dos estoques da marinha) sobre a cor "Desert Sand" normal. Porém, esse esforço foi quase anulado quando os tanques receberam os painéis pintados de branco com uma faixa vertical vermelha, em preparação para a "Operação Crusader".



Matilda do Esquadrão "A", 4º RTR, 32ª Brigada em Tobruk, junho de 1942. Como pode ser observado em fotos do período, os tanques da 32ª Brigada usavam números grandes nas laterais, que indicavam o número do tanque. Ao contrário dos veículos da 1ª Brigada, estes usavam os

símbolos tácticos (observe o pequeno triângulo vermelho na torre). Contudo, há controvérsias quanto à cor, pois outras ilustrações sugerem o uso de verde ou cinza onde aqui aparece o azul. O nome escrito na lateral é "Drake".

Os tanques leves e cruzadores (incluindo o Grant e o Sherman) tiveram uma considerável variação de pinturas, que incluía padrões de camuflagem em Verde, Marrom, Cinza Prateado, Preto e Branco sobre o "Desert Sand".

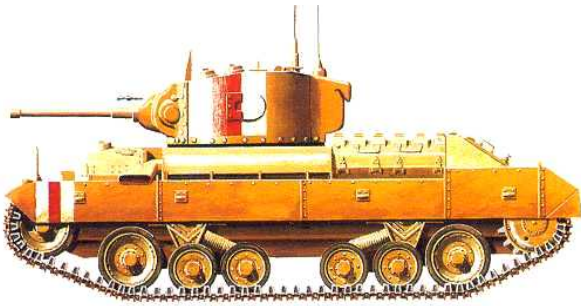


Grant, possivelmente da 7ª Divisão Blindada, durante a Batalha de Gazala. Note o padrão de camuflagem, utilizando manchas de marrom sobre o "Desert Sand", com contornos realçados com linhas brancas e pretas. Um esquema muito bonito.



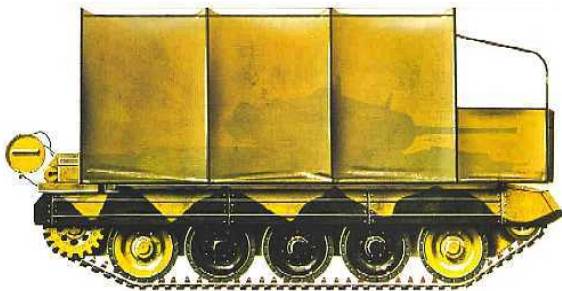
Grant do Esquadrão "C", Regimento Staffordshire Yeomanry, 8ª Brigada, 10ª Divisão Blindada, durante a 2ª Batalha de El Alamein. Ele usa um esquema de camuflagem com Verde sobre o "Desert Sand". Note a ausência de identificações de esquadrão.

O 10º Regimento de Hussardos (1ª Divisão Blindada), a 9ª Brigada Blindada e as unidades equipadas com Valentine (entre outras) normalmente usavam apenas "Desert Sand", sem outras pinturas de camuflagem.



Valentine II de uma unidade não-identificada em Derna, abril de 1942. Note o uso de grandes painéis de identificação de nacionalidade. A ausência de marcações táticas pode indicar que este veículo pertença à 1ª Brigada de Tanques (possivelmente do 8º RTR, que foi equipado com Valentines para a "Operação Crusader").

Uma característica interessante das forças blindadas britânicas no deserto eram os seus recursos de camuflagem, que incluíam coberturas falsas para os tanques, imitando caminhões (era para a sua adaptação que os tanques britânicos no deserto possuíam um "cabide" em toda a extensão de suas laterais) e a utilização de tanques falsos.



Tanque Crusader "em trajes civis". A camuflagem imitando um caminhão era bastante eficiente contra a observação aérea inimiga. Aquele "rack" que os tanques britânicos no deserto têm ao longo da lateral (e que você não sabia para que servia!) era para apoiar a estrutura da camuflagem.



Bren Carrier do 56º Regimento de Reconhecimento, 78ª Divisão de Infantaria, Tunísia, 1943. Este veículo levava as insígnias da divisão no pára-lamas esquerdo na frente e o número "41" em um quadrado verde e azul no direito (mesmas marcações, mas com os lados trocados à ré). Esta marcação indicava uma unidade de reconhecimento de uma divisão de infantaria.



1ª DB

2ª DB

6ª DB



7ª DB



8ª DB



10ª DB



1ª BG.



9ª BG.



23ª BG

Símbolos das principais unidades blindadas britânicas que lutaram no deserto.

Kits: Por alguma razão misteriosa, aparentemente nunca foi fabricado, em lugar nenhum no mundo, um kit do Tanque Leve Mk.VI, do A9, do A10, do A13 e do A13II (ou eu os teria comprado). Em compensação (mas sem compensar nada), existe uma vasta gama de kits do Crusader, do Matilda, do Valentine e até do Grant (embora o kit do Grant da Tamiya tenha uma série de equívocos). Airfix, Hasegawa, Italeri, DML, Revell, Milicast, Fujimi e Tamiya têm modelos de todos eles em escalas de 1/76, 1/72 e 1/35 e a Frog tem um Valentine 1/48! A Academy tem um kit do Stuart já com as modificações e marcas britânicas, na escala 1/35. Lamentavelmente, nenhum fabricante produz o Churchill III, que foi o modelo usado no deserto. O único kit do M4A2 (Sherman III) que eu encontrei foi o da Heller (1/72). A Maquette e a DML produzem kits do Bishop (somente na escala 1/35), mas apenas a Revell fabrica o kit do Priest (M7, na escala 1/72). O Tanque Leve Mk.II foi produzido pela Commander Series Models, em resina, na escala 1/35. Entre os carros blindados, não encontrei kits do Rolls-Royce 1924; o Daimler e o AEC são produzidos pela Milicast na escala 1/76 e o Daimler mais o Humber são fabricados pela Hasegawa (1/72). O único kit do Marmon-Herrington que eu encontrei foi da Roy Models (resina), em escala 1/35 e a Accurate tem os kits do Daimler, do Humber e do AEC na escala 1/35, também em resina. O Bren Carrier é produzido pela Airfix (1/72) e pela Tamiya (1/35). Note que as linhas de produção das fábricas de kits são dinâmicas, ou seja, estão sempre retirando e lançando produtos. Além disso, é possível encontrar kits fora de produção em estoques de muitas lojas. Portanto, o que foi dito acima é apenas uma orientação.